

WILHELM REICH E A PSICANÁLISE ¹

Amadeu de Oliveira Weinmann ²

Enquanto a organização psicanalítica desenvolveu o aspecto qualitativo, ou seja, as idéias, sua interconexão, etc, eu desenvolvi o aspecto energético (Wilhelm Reich, em *Reich fala de Freud*).

Este artigo é fruto de um trabalho de pesquisa que venho desenvolvendo, no sentido de identificar os vínculos existentes entre a produção teórico-clínica de Wilhelm Reich e a psicanálise. Mais precisamente, visa a reconhecer os pontos de continuidade e os de ruptura entre estes dois campos do conhecimento. Adoto como referência básica da concepção psicanalítica o texto freudiano; e parto do princípio de que este é a matriz principal, a fonte mais importante na qual Reich inspirou-se para a construção de sua abordagem terapêutica. Este artigo, na verdade, consiste em uma primeira tentativa de sistematização dos resultados desta pesquisa.

A TEORIA DO ORGASMO

Após quatro anos de guerra, Wilhelm Reich chega a Viena, em meados de 1918, decidido a formar-se advogado. Frustrado com o cunho demasiado formalista do curso de Direito, e movido por seu vivo interesse pelas Ciências Naturais, transfere-se para a Faculdade de Medicina. Estudante voraz, logo destaca-se entre seus colegas. Particularmente interessado pelos temas relacionados à sexualidade, ingressa no Seminário de Sexologia da Faculdade de Medicina de Viena, o qual passa a presidir a partir de 1919.

Neste seminário, entra em contato com as concepções psicanalíticas que, por esta época, já começavam a adquirir grande prestígio no meio acadêmico. No exercício da presidência do Seminário de Sexologia, tem a oportunidade de manter um contato pessoal com Freud, ficando profundamente impactado com suas idéias a respeito da sexualidade humana. Particularmente importantes para Reich foram os postulados freudianos da gênese infantil da sexualidade e da persistência, no adulto, das vivências

¹ Artigo publicado na *Revista da Sociedade Wilhelm Reich/RS*, v. 1, n. 1, p. 16-24, dez., 1997.

infantis de satisfação (sob a forma de representações psíquicas inconscientes investidas energeticamente); vivências estas que orientam e definem, em larga escala, as modalidades de satisfação na atualidade.

Ainda no Seminário de Sexologia, em 1919, Reich apresenta uma comunicação intitulada *O Conceito de Pulsão e Libido de Forel a Jung*, aonde expõe suas primeiras impressões especialmente a respeito da teoria freudiana da sexualidade. No ano seguinte, mesmo sendo um estudante de Medicina, torna-se membro honorário da Sociedade Psicanalítica de Viena em sessão onde apresenta seu ensaio *Conflitos Libidinais e Delírios no "Peer Gynt" de Ibsen*.

Em 1921, Reich publica na revista da Sociedade Psicanalítica de Viena artigo intitulado *A Respeito da Energia das Pulsões*; e, em 1923, completando um ciclo de reflexões sobre as teorias freudianas da libido e das pulsões, Reich apresenta na Sociedade Psicanalítica de Viena um artigo que contém a síntese de suas teorizações: *Sobre a Genitalidade, sob o ponto de vista do Prognóstico e do Tratamento Psicanalítico*. Neste artigo estão contidas, de uma forma condensada, as idéias mestras do que virá a constituir a **teoria do orgasmo**, desenvolvida em seu livro *A Função do Orgasmo - psicopatologia e sociologia da vida sexual* (1927).

A Teoria do Orgasmo, de W. Reich, é uma contribuição à teoria freudiana da sexualidade. Baseia-se, essencialmente, na compreensão da distinção radical entre sexualidade pré-genital e sexualidade genital (assinalada originalmente por Freud, mas realmente desenvolvida por Reich). Visa, em última análise, a responder à questão: **qual a fonte de energia da neurose?**, questão que norteou, o tempo todo, a pesquisa teórico-clínica reichiana.

Freud, em *Três Ensaio sobre a Teoria da Sexualidade* (1905), sintetiza suas concepções a respeito do desenvolvimento da pulsão sexual. Para este autor, a sexualidade adulta, tal como é conhecida, procede de um largo período de amadurecimento que tem suas raízes na mais tenra infância. Para Freud, a sexualidade infantil caracteriza-se por: a) apoiar-se numa das funções somáticas vitais; b) não conhecer objeto sexual, sendo auto-erótica; c) achar-se sob o domínio de uma zona erógena.

Freud também caracterizou a sexualidade infantil como sendo perversa polimorfa, pelo fato de, nela, as pulsões parciais (ligadas às diferentes zonas erógenas) encontrarem-se desvinculadas e independentes entre si em seus esforços para a

² Psicoterapeuta reichiano (CRP: 07/09371), especialista em Clínica Psicanalítica e doutor em Educação.

obtenção de prazer; e identificou duas fases de desenvolvimento ou modalidades de organização pré-genital: a oral e a anal.

Posteriormente, em *A Organização Genital Infantil* (1923), Freud postulará que a criança já apresenta, no que veio a chamar de fase fálica (entre 2 e 5 anos), uma florescência sexual na qual a zona genital ocupa papel de destaque e há escolha objetal acompanhada de afetos intensos. Entretanto, ainda não há a unificação das pulsões parciais sob o primado da zona genital e a construção do alvo sexual como sendo a união genital com um parceiro, fatos que caracterizam a sexualidade genital adulta.

Entre a primeira infância e o desabrochar sexual da puberdade, Freud identificou a ocorrência de um intenso processo de recalçamento; a esta etapa do desenvolvimento psicosssexual - decorrente da inscrição da Lei (tabu do incesto), através do Complexo de Édipo - denominou período de latência. Neste, haveria o desinvestimento das representações sexuais infantis, que permaneceriam enquanto registros mnêmicos orientando a procura do objeto de desejo. Este processo tornaria possível a transferência daqueles investimentos para a florescente sexualidade genital do adolescente. A insuficiência ou fracasso deste recalçamento, em maior ou menor grau, impregnaria a sexualidade adulta de fantasias infantis (preservaria investimentos sexuais infantis na vida adulta), gerando o conflito neurótico.

Freud estabeleceu, como sendo a meta da sexualidade adulta, a descarga, no ato sexual, de determinados produtos ou substâncias sexuais. Descarga esta que proporcionaria o alívio da tensão gerada pelo incremento da excitação (a produção constante de ondas de excitação, a partir de fontes somáticas, é uma característica essencial da vida pulsional). Entretanto, colocava-se a seguinte questão, para a qual não encontrava resposta: como que o crescimento da tensão gerado pelo incremento da excitação, que em todas as demais situações da vida é percebido como desprazeroso, no caso da sexualidade é vivenciado de forma prazerosa?

Foi esta brecha na teoria freudiana da sexualidade que levou Reich a perceber a especificidade da sexualidade genital adulta. Em *A Função do Orgasmo - problemas econômico-sexuais da energia biológica* (1942), Reich (1994: p. 53) afirma:

(...) a tensão gerada no anteprezer deveria ser sentida como desprazer se a satisfação não tivesse lugar. Entretanto, a antecipação mental do prazer da satisfação não apenas gera tensão - mas também descarrega pequena quantidade de excitação sexual. Essa pequena satisfação e a esperança do prazer maior no clímax obscurecem o desprazer da tensão anterior à completa descarga.

Assim, o incremento da excitação é percebido como agradável, desde que a possibilidade de descarga no clímax esteja assegurada. Isto depende, fundamentalmente, das fantasias inconscientes às quais esta excitação (libido) irá se ligar. Se estas fantasias forem de natureza sexual infantil, inevitavelmente truncharão o curso da excitação, impedindo a descarga completa no clímax e gerando tensão desagradável.

O Complexo de Édipo desempenha um papel central na teoria reichiana. Nesta concepção, as fantasias incestuosas são o ponto culminante e síntese de todo o desenvolvimento sexual infantil; constituem o núcleo do recaiado. O Édipo consiste, em Reich, na encruzilhada para a genitalidade: decifra-me ou te devoro. A fixação em fantasias incestuosas (como na histeria) inibe o curso da excitação sexual; não é tolerável o encontro - ainda que imaginário - com o objeto interdito. A regressão, a partir do Édipo, para fantasias pré-genitais, não altera essencialmente a questão, apenas diminui um pouco a ansiedade sexual, ao custo de um afastamento ainda maior da possibilidade de satisfação genital.

Estas formulações de Reich partiram, em larga medida, de uma distinção estabelecida inicialmente por Freud entre neuroses atuais e psiconeuroses. Para Freud, as primeiras seriam enfermidades causadas por perturbações da sexualidade adulta, não possuindo etiologia psíquica; não eram passíveis de análise, portanto. Já as psiconeuroses denotariam a presença de conflitos sexuais infantis inconscientes. Entretanto, Freud postulava que toda psiconeurose se desenvolveria em torno de um cerne neurótico atual.

Este cerne neurótico atual consistiria no represamento da excitação através do impedimento de sua descarga; esta energia represada, por sua vez, viria a investir traços de memória de experiências infantis que se encontravam, até então, psiquicamente inativos. Reich entende que esta é a chave para a resolução da questão da fonte de energia da neurose. Sem uma inibição da descarga da excitação atual, não há energia para ativar um conflito infantil inconsciente (que existe apenas enquanto registro mnêmico) e fomentar a formação de sintoma. Por outro lado, sem um conflito infantil inconsciente não haveria uma inibição da sexualidade atual. Desta forma, toda neurose possuiria um componente histórico, do qual retiraria seu conteúdo; e um fator presente - a inibição da descarga da excitação (estase) -, que lhe forneceria a energia.

Estas reflexões levaram Reich a concluir que todo neurótico estaria perturbado em sua função genital. Encontrou dificuldades ao apresentar estas idéias na Sociedade Psicanalítica de Viena. Seus colegas argumentavam que muitos pacientes seus - bastante neuróticos - apresentavam plena potência sexual. Entretanto, em seu trabalho

clínico, Reich percebia que as fantasias com que seus clientes vivenciavam sua sexualidade eram sempre de natureza infantil e que eles raramente encontravam plena satisfação, mesmo aqueles cuja vida sexual era bastante ativa. Por outro lado, descobriu que quando estes pacientes, por intermédio do tratamento analítico, chegavam a representar vivamente e a elaborar suas fantasias incestuosas (genitais infantis), sua vida sexual se tornava mais satisfatória e seus sintomas tendiam a se aliviar.

Reich vai propor, então, uma nova definição de potência sexual - a **potência orgástica** -, associada à capacidade do sujeito de entregar-se ao curso da excitação permitindo que esta atinja seu clímax e completo escoamento:

Potência orgástica é a capacidade de abandonar-se, livre de quaisquer inibições, ao fluxo da energia biológica; a capacidade de descarregar completamente a excitação sexual reprimida, por meio de involuntárias e agradáveis convulsões do corpo (Reich, 1994: p. 94).

A condição psíquica essencial para vivenciar a potência orgástica é o que Reich (id., p. 100) denomina de capacidade de efetuar uma "(...) transferência genuína do objeto primitivo para o companheiro". Por objeto primitivo entenda-se o objeto edípico. Esta capacidade de deslocar-se do objeto primitivo para o atual denota a ausência de fixações rígidas em fantasias sexuais infantis.

A demarcação da sexualidade genital como sendo a única capaz de proporcionar a descarga plena da excitação (no adulto) e o reconhecimento de que uma perturbação da função genital é fator sempre presente e fonte de energia de toda neurose foram fundamentais para que Reich resolvesse algumas questões relativas ao tema crucial da angústia.

Freud propusera, inicialmente, que a angústia tinha sua origem no represamento da libido. Com isto queria dizer que a libido, dissociada da representação recalçada e mantida livre no aparelho psíquico (não ligada a uma nova representação cujo acesso à consciência e à motilidade permitisse um processo de descarga), convertia-se automaticamente em angústia (angústia automática: estado de tensão ou de sobrecarga do aparelho psíquico por excesso de excitação não descarregada).

Posteriormente, em *Inibição, Sintoma e Angústia* (1926), Freud irá reformular radicalmente esta concepção: dirá que nunca a angústia provém da libido recalçada. Nesta nova formulação a angústia é entendida como um afeto (de desprazer) gerado no Ego; afeto este que sinaliza, a partir de registros mnêmicos prévios, a ocorrência de uma situação ameaçadora à integridade do próprio Ego. Se esta situação for, por exemplo, o desenvolvimento de determinada moção pulsional cuja realização pareça ao Ego - a partir

do registro de experiências anteriores - ser passível de colocar em risco sua integridade, o sinal de angústia será acionado e o representante psíquico desta moção pulsional sofrerá recalçamento.

Reich discordou frontalmente desta nova concepção. Suas pesquisas o conduziam no sentido de resolver o problema de “como a libido se converte em angústia?”. Para Reich, a excitação sexual impedida de descarga genital sobrecarrega o aparelho psíquico (e vegetativo), gerando tensão desprazerosa (angústia). Isto permite a Reich afirmar que “(...) não há conversão de uma excitação sexual. A mesma excitação que aparece nos genitais como sensação de prazer é percebida como angústia quando se apodera do sistema cardíaco” (Reich, 1994: p. 121).

É em seus estudos sobre a angústia que Reich irá fazer as primeiras descobertas a respeito das relações entre aparelho psíquico e sistema nervoso vegetativo. Por suas características (funcionamento involuntário e inconsciente, no sentido fisiológico do termo; tendência à auto-regulação; e por constituir-se numa constante fonte de excitações somáticas e psíquicas), Reich postulará que a vida vegetativa é o que de mais próximo existe, biologicamente, do que Freud denominara de fonte das pulsões (o Id).

No que diz respeito às manifestações vegetativas da angústia (que são principalmente de natureza cárdio-respiratória), Reich percebeu que elas se acentuavam sempre que a descarga genital estava bloqueada e que se atenuavam ou desapareciam quando havia satisfação genital. Em função disto, concluiu (Reich, 1994: p. 121): “Tornava-se cada vez mais claro que a sobrecarga do sistema vasovegetativo com excitação sexual não descarregada é o mecanismo central da angústia e, portanto, da neurose”; e que “(...) sexualidade e angústia são manifestações de duas direções antitéticas das sensações vegetativas de excitação”.

Entretanto, Reich reconhece que, na maioria dos casos em que há o bloqueio da descarga genital, a angústia não manifesta-se em estado puro - se podemos chamar assim - como na neurose de angústia (uma neurose atual). Isto se deve ao sinal de angústia emitido pelo Ego, que engendra recalçamentos e desvia a excitação represada para a formação de sintomas neuróticos.

Em outros casos - onde há bloqueio da descarga genital, mas não ocorre formação de sintoma -, é a própria **estrutura de caráter** que retém a energia e, desta forma, impede que se produza angústia. Esta é sua função defensiva básica e constitui o que Reich denominou de neurose de caráter. É perfeitamente coerente (embora Reich não tenha formulado nestes termos a questão) que se atribua a constituição da estrutura de

caráter ao Ego - a partir de sinais de angústia -, com o objetivo, essencialmente, de evitar os estados a que Freud denominou de angústia automática.

A TÉCNICA DE ANÁLISE DO CARÁTER

Paralelamente a suas pesquisas sobre o papel da genitalidade na economia da libido, Reich preocupava-se com o desenvolvimento da técnica psicanalítica. Freud, no Congresso Psicanalítico Internacional ocorrido em 1922, em Berlim, apresentou um esboço de *O Ego e o Id* (publicado no ano seguinte). Neste artigo, entre outras importantes inovações teóricas, Freud postula que não apenas as representações sexuais recalçadas são inconscientes; mas que as instâncias do Ego responsáveis pelas operações defensivas também o são. Para dar conta das implicações técnicas decorrentes desta modificação na teoria, Freud propõe que, no Congresso seguinte, apresentem-se trabalhos correlacionando teoria e técnica psicanalítica.

Julgando-se ainda pouco experiente para enfrentar este desafio, Reich procura Freud - logo após o Congresso de Berlim - para propor a criação de um seminário sobre a técnica dirigido a jovens analistas. Freud aprova a idéia e funda-se, então, o Seminário de Técnica Psicanalítica de Viena, que durou de 1922 a 1930 - tendo sido presidido por Reich a partir de 1924 - e que importantes contribuições trouxe à teoria da técnica da psicanálise.

Neste seminário procurou-se discutir, sobretudo, os casos malsucedidos, investigando-se minuciosamente as causas do insucesso terapêutico. A partir da coordenação de Reich, adotou-se a prática de relatórios sistemáticos. Reich entendia que a técnica específica necessária para cada caso deveria surgir da própria estrutura do caso. Algumas práticas vigentes foram fortemente criticadas. Muitos analistas repreendiam seus pacientes quando estes demonstravam resistência ao tratamento. Para Reich (1994: p. 108), "(...) era totalmente inerente aos princípios psicanalíticos o tentar compreender a resistência e eliminá-la por meio de recursos analíticos", tanto mais agora que sabia-se serem as defesas do Ego igualmente inconscientes. Outro equívoco comum denunciado no seminário era a prática de tentar convencer o cliente da exatidão das interpretações do psicanalista.

Estes equívocos decorriam, de acordo com Reich, da norma técnica segundo a qual o material fornecido pelos pacientes deveria ser interpretado na ordem em que fosse surgindo. Reich entendia que desta maneira não era possível enfrentar a questão da

resistência. De nada adiantava interpretar o conteúdo psíquico recalcado, manifesto em determinado sonho ou fragmento do discurso do paciente, se a defesa contra esta interpretação não fosse dissolvida. A resistência contra a interpretação do analista nada mais é do que a atualização, na relação transferencial, da defesa contra determinado conteúdo inconsciente. Reich chamou a este processo de **transferência negativa latente** (pois geralmente está encoberto por uma transferência positiva: manifestação de aliança com o terapeuta e de engajamento no tratamento) e julgava ser fundamental o trabalho sobre esta dimensão transferencial da resistência (inconsciente, em larga medida) para que fosse possível obter algum ganho terapêutico com a interpretação do conteúdo recalcado.

Esta modificação no enfoque do trabalho psicanalítico - do conteúdo sexual inconsciente para a defesa inconsciente contra este conteúdo - foi uma construção do Seminário de Técnica Psicanalítica de Viena e caracterizou-se pelo desenvolvimento da chamada *análise das resistências*, proposta inicialmente por Freud, mas até então não colocada em prática. Outra importante contribuição de Reich no Seminário sobre a Técnica foi a noção de que as resistências não existiam isoladamente umas das outras, mas que constituíam uma totalidade articulada caracterizada pelo *entrelaçamento* e pela *estratificação* dos diferentes processos defensivos. A este aparato defensivo-resistencial articulado Reich denominou **caráter** e, sobre ele, afirmou (1994: p. 124): "(...) é a 'personalidade' total, ou o 'caráter', do paciente o que constitui a dificuldade da cura. A 'courage do caráter' define-se no tratamento como uma 'resistência do caráter'." E, em *Análise do Caráter* (1933), tratando da gênese da estrutura caracterológica, sentencia: "A formação do caráter principia como uma forma definida de superação do complexo de Édipo" (Reich, 1989: p. 150). A partir deste novo modelo teórico, "(...) as forças e as contradições psíquicas não representavam mais um caos, mas uma organização sistemática, histórica e estruturalmente compreensível" (Reich, 1994: p. 129). O trabalho metódico sobre as resistências, considerando seu entrelaçamento e diferentes níveis de profundidade, constitui a **técnica de análise do caráter**.

Em seu trabalho clínico, Reich foi percebendo que a abordagem sistemática sobre o caráter dos pacientes mobilizava intensa hostilidade; esta, por sua vez, parecia constituir-se em defesa contra uma angústia que se desenvolvia crescentemente ao longo do tratamento. No cerne da estrutura de caráter de todo neurótico, Reich encontrou o que denominou de **angústia genital**: um profundo medo da vivência de sua sexualidade. À medida que esta angústia fosse sendo elaborada, a personalidade total do cliente se modificava, tornando-se mais espontânea e capaz de entregar-se ao prazer de forma

auto-regulada. A esta estrutura caracterológica não neurótica, que existe como potencial no interior de todo ser humano, Reich denominou **caráter genital**.

O DEBATE SOBRE A QUESTÃO CULTURAL

O desenvolvimento da teoria do orgasmo e da técnica de análise do caráter foram dando ao trabalho de Wilhelm Reich uma tonalidade cada vez mais original e difícil de ser incorporada pela teoria psicanalítica. Entretanto, foram suas posições na discussão sobre a questão cultural - e as implicações políticas destas posições -, o estopim de seu rompimento com o movimento psicanalítico.

Freud, em seus primeiros escritos sobre temas de cunho mais sociológico e antropológico - como *Moral Sexual Cultural e Nervosismo Moderno* (1908) -, assume uma posição crítica em relação à moral sexual da sociedade de seu tempo (a moral vitoriana), atribuindo-lhe parcela significativa de responsabilidade pelo adoecimento neurótico. Afirma que uma certa dose de restrição à sexualidade faz-se necessária para a existência da vida em civilização; entretanto, critica as exigências de uma restrição excessiva e aponta os danos psíquicos que ela provoca.

Em textos bem posteriores - como em *O Mal-Estar na Civilização* (1930) -, Freud assumirá uma postura bastante pessimista em relação às possibilidades de satisfação no contexto da vida civilizada. Defenderá a existência de um "(...) antagonismo irremediável entre as exigências pulsionais e as restrições da civilização". A esta altura de sua produção teórica, Freud já incorporou à vida pulsional, junto às Pulsões de Vida (entre as quais se incluem as sexuais), as Pulsões de Morte (*Além do Princípio do Prazer* - 1920). Estas últimas seriam responsáveis pela enorme destrutividade humana e justificariam a necessidade de intensa restrição pela cultura à vida pulsional.

Reich se rebelará contra estas concepções. Retomando o Freud de *Moral Sexual Cultural e Nervosismo Moderno*, fará uma crítica penetrante da moral sexual de seu tempo. Reich entende que a fusão de interesses econômicos com desejos sexuais - através da instituição do casamento - acaba por regulamentar estes últimos a partir das necessidades dos primeiros. Disto decorre uma educação sexual restritiva das crianças e dos adolescentes. Esta educação sexual restritiva será a base do irracionalismo (que veio a chamar, posteriormente, de peste emocional) sobre o qual assentam-se todas as formas de autoritarismo. A restrição severa do desenvolvimento sexual deixará como legado,

também, toda ordem de impulsos hostis e anti-sociais, os quais Freud havia reunido sob a denominação de Pulsão de Morte.

Ao mesmo tempo em que trabalhava no sentido de construir articulações teóricas entre Psicanálise e Marxismo, Reich desenvolvia intensa atividade política inspirada na idéia de uma revolução que abarcasse tanto as estruturas sócio-econômicas quanto as psíquicas (movimento da **Sexpol**). Ao escrever *Psicologia de Massas do Fascismo* (1933), no ano em que Hitler chega ao poder na Alemanha, a presença de Reich no movimento psicanalítico - densamente formado por judeus - torna-se insustentável. Quando se apresentou no Congresso Psicanalítico Internacional ocorrido em Lucerna, em 1934, para expor seu trabalho *Contato Psíquico e Corrente Vegetativa* (incluído, posteriormente, em *Análise do Caráter*), Reich foi informado de que não mais pertencia aos quadros da Associação Psicanalítica Internacional (IPA).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Desta breve apresentação da evolução do trabalho de Wilhelm Reich dentro do movimento psicanalítico - confrontando-o com alguns textos freudianos mais diretamente envolvidos - penso ser possível extrair algumas conclusões preliminares. Os elementos centrais da construção teórico-clínica de W. Reich - a Teoria do Orgasmo e a Técnica de Análise do Caráter -, que constituem a pedra fundamental de todo seu trabalho posterior, foram inteiramente elaborados no interior da estrutura conceitual da psicanálise.

O rompimento de Reich com a psicanálise ocorrerá principalmente em função das implicações teóricas, clínicas e sociais da formulação, por Freud, do conceito de Pulsão de Morte. Para Reich, esta modificação na teoria das pulsões é descabida; representa uma tentativa de amortecer o impacto cultural produzido pela teoria freudiana da sexualidade.

Entretanto, a ruptura havida entre Reich e o movimento psicanalítico deve ser entendida como sendo sobretudo de natureza institucional. De um ponto de vista teórico, Reich filia-se ao que alguns autores denominam *paradigma pulsional*, em psicanálise. Reich retomará alguns textos freudianos dos primórdios da psicanálise - nos quais a preocupação com o fator energético e com as fronteiras entre o psíquico e o biológico faz-se presente com maior intensidade - e, a partir deles, elaborará uma concepção original. Sua preocupação com a questão da fonte de energia das neuroses denota interesse

preferencial, dentro da metapsicologia freudiana, pelo fator econômico, ou seja, por aquele que se ocupa das magnitudes de excitação envolvidas nos processos psíquicos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALBERTINI, Paulo.** *Reich: história das idéias e formulações para a educação.* São Paulo: Ágora, 1994.
- BOADELLA, David.** *Nos caminhos de Reich.* São Paulo: Summus, 1985.
- FREUD, Sigmund.** *Edição standard das obras psicológicas completas de Sigmund Freud.* Rio de Janeiro: Imago, 1980.
- HIGGINS, Mary; RAPHAEL, Chester (Org.).** *Reich fala de Freud.* Lisboa: Moraes, 1979.
- REICH, Ilse.** *Wilhelm Reich: uma biografia personal.* Buenos Aires: Granica, 1972.
- REICH, Wilhelm.** *Paixão de juventude: uma autobiografia (1897/1927).* São Paulo: Brasiliense, 1996.
- _____. *Primeiros escritos.* Rio de Janeiro: 1992. 126 p. mimeografado.
- _____. *Psicopatologia e sociologia da vida sexual.* São Paulo: Global [s/d].
- _____. *Materialismo dialético e psicanálise.* 3. ed. Lisboa: Presença, 1977.
- _____. *Irrupção da moral sexual repressiva.* São Paulo: Martins Fontes [s/d].
- _____. *Psicologia de massas do fascismo.* 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1988.
- _____. *A revolução sexual.* Rio de Janeiro: Zahar, 1979.
- _____. *O combate sexual da juventude.* Lisboa: Antídoto, 1978.
- _____. *Análise do caráter.* São Paulo: Martins Fontes, 1989.
- _____. *A função do orgasmo.* 18. ed. São Paulo: Brasiliense, 1994.
- RUSSO, Jane.** *O corpo contra a palavra: as terapias corporais no campo psicológico dos anos 80.* Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1993.
- WAGNER, Cláudio.** *Freud e Reich: continuidade ou ruptura?* São Paulo: Summus, 1996.